



*Semanario illustrado
de Sciencias Lettras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA

Officinas d'Impressão e composição
A LIBERAL
R. de S. Paulo, 216

Tiragem 6:000 exemplares

Segunda-feira, 24 d'Agosto de 1908

OS NOSSOS

4.^a SERIE

Brindes semanaes

Aos assignantes e annunciantes

2.500\$000

ou

1.200\$000

por um vintem!

Condições do Sorteio

1.º — Ver se n'estes numeros

a

está contido o numero da **SORTE GRAN-
DE** da **LOTERIA PORTUGUEZA** de 28
d'AGOSTO; se estiver, o possuidor d'este
jornal tem direito ao **DECIMO 3358** para
a **LOTERIA PORTUGUEZA** de 4 de
SETEMBRO de 1908.

2.º — O possuidor do jornal premiado deve escrever-lhe o seu **NOME** e **MORADA** e en-
tregal-o n'esta redacção ou envia-lo em **CARTA REGISTRADA**, afim de não haver extravio,
até á **VESPERA DA LOTERIA** a que pertence o decimo sorteadado.

3.º — A este sorteio tem direito apenas os **ASSIGNANTES D'ESTA REDACÇÃO**, sen-
do, portanto, excluidas todas as pessoas que comprarem ou assignarem o jornal aos ncssos
Agentes e Depositarios.



Vice-almirante Rio de Carvalho

Aluga-se

JAZIGOS DE CAPELLA
A 200\$000 reis
 8 Logares
 Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

ALBERTO FERREIRA
 MEDICO-CIRURGIÃO
 Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
 Consultas das 10 as 11

ANACLETO DE OLIVEIRA ♦♦♦♦
 ♦♦ MEDICO-CIRURGIÃO ♦♦
 Rua S. Vicente á Guia, 22, 1.º

JANUARIO & MOURÃO
 Ourivesaria e relojaria
 Grande quantidade de artigos em estojos proprios para brindes, desde 1\$000 reis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso.
 Importação directa das fabricas.
PREÇO FIXO
 Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92-A

Louças-vidros-talheres

Quasi de graça

SÓ NA CASA DAS LOUÇAS

33, Rua da Palma, 35

PEDRO CARLOS DIAS DE SOUSA

JULIO GOMES FERREIRA & C.ª



Fornecedores da Casa Real

88 — RUA DA VICTORIA — 88

Exposição permanente

166 — RUA DO OURO — 170

Installações completas para agua gaz e electricidade
 Grande sortido de lustres em todos os generos

EXPOSIÇÃO DE
LOUÇA DAS CALDAS
 Arte decorativa
 Artigos para brindes

GATOPRETO
 R. de S. Nicolau
 (Esquina da R. do Crucifixo)



As cartas dos consulentes devem vir acompanhadas da respectiva **SENHA DE CONSULTA**, e satisfazer aos seguintes requisitos:

— «Nome de batismo; iniciaes dos sobrenomes e apelidos.»

— «Anno, mês, dia e hora, se possível for, do nascimento.»

— «Côr da pele, dos olhos, dos cabelos.»

— «Altura aproximada, estado de magreza ou de gordura, comprimento exacto dos dedos da mão esquêrda, tomado do lado da palma da mão; se os labios são finos, delgados ou grossos, carnudos, espessos; sinaes da pele, congênitos ou adquiridos, cicatrizes. Dimensões aproximadas da testa, feitio do nariz. (Um retrato tirado de frente e outro de perfil, seriam excellentes dados.)»

— «Doenças anteriores á consulta. Saude dos paes. Se tem muita ou pouca força muscular e qual o estado de sensibilidade da pele.»

— «Falando ainda dos cabelos será bom dizer se são macios ou asperos. As veias que se divisam atravez dos tegumentos são cheias e azuladas?»

— «E' alegre, agitado, vivaz, inconstante, facilmente irritavel?»

— «Adora o prazer em todas as suas manifestações? Quaes as distrações que prefere?»

— «Tem tendencia para a violencias para o despotismo?»

— «E' cabeludo ou glabro?»

— «Quaes os caracteres da marcha? Costuma andar deprêssa, devagar, a passo largo, a passo curto, com gravidade, baloiçando o corpo?»

— «Qual é a posição habitual da mão quando caminha? Fechada, semi-aberta, aberta? Tem por habito levar repetidamente a mão á frente, aos olhos, á boca, ao nariz, ás orelhas?»

— «Caminha de mãos nas costas, nas algibeiras? Esfrêga-as muito? Costuma-lhes fazer estalar os ossos? Leva repetidas vêzes a mão ao peito?»

— «Dorme com as mãos fechadas, semi-cerradas, abertas? E' tremulo?»

— «Ha frisante contraste entre a côr dos cabelos da cabeça, da barba e das sobrancelhas?»

— «Gosta de flôres, de fructos? Quaes os preferidos?»

Alem destes esclarecimentos, poderão os srs. consulentes enviar-me quaesquer outros que julguem convenientes. A todos garanto o mais absoluto segredo, a mais completas discrição.

AS CARTAS DEVEM SER DIRIGIDAS A ESTA REDACÇÃO



Azulejos

*Semanario ilustrado
de Sciencias, Letras e Artes*

<p>Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA Director Científico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA Secretario da Redacção: BENTO MANTUA Administrador: XAVIER DA SILVA</p>	<p style="text-align: center;">DIRECTORES</p> <p>Litterarios: J. PACIFICO, FMPCÉ e LAMPARINA Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA</p>
---	---

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
 LISBOA

Officinas d'impressão e composição
 A Liberal — R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
 24 DE AGOSTO DE 1908

CONDICÕES DE ASSIGNATURA
 (Pagam. n.º adiantado)
 SERIE DE 15 NUMEROS
 Lisboa e provincia..... 300 rs
 Colonias 400 •
 A cobrança pelo correio é augmentada de 60 reis.

Tiragem: 4000 exemplares.

Chá e torradas

Querem V.^{as} Ex.^{as} tomar bello chá e mastigar saborosas torradas?

Pois colleccionem **20 mascaras illustres** e mandem-as cá para a redacção do **Azulejos** até ao dia **10 de Setembro**, ficando assim habilitados para receberem um lindo premio no sorteio que se realisa a **21 de Setembro**, dia do anniversario do periodico mais liró que tem apparecido n'esta laranja terraquea!

As mascaras illustres podem ser de qualquer das series do **Azulejos**, basta, mesmo, comprar uns vinte jornaes, cortar-lhe as mascaras e pregal-as n'um bocado de papel vulgaris de Linneu.

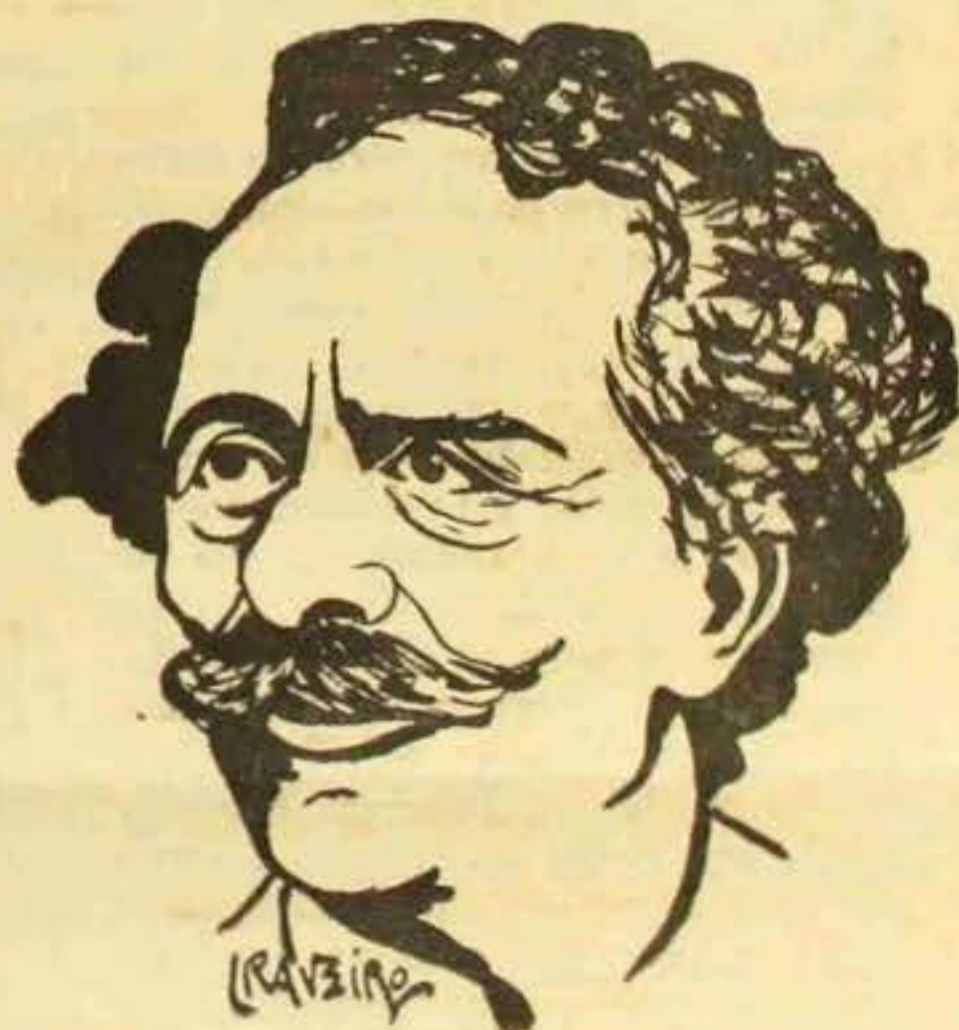
Experimentem V.^{as} Ex.^{as}

Este concurso artistico é o melhor remedio contra a neurasthenia, enxa-

queca, amor mal correspondido, gotta e espinhelas caidas.

Recommenda-se ás sogras zangadas, aos paes severos, aos filhos prodigos e a todas as boas donas de casa.

Mascaras illustres



Actor Rosa (Pae)

Os deputados que ha uma infinidade de mezes palram em S. Bento, sem atirarem cá para fóra com alguma lei de reconhecida utilidade, dando-nos a impressão de terem sido eleitos só para se bate-rem em duello, empregariam melhor o tempo se fizessem collecções para o concurso do **Azulejos**.

Collecionem Vossas Excellencias se querem apreciar um bello chá e mastigar umas saborosas torradas.

Animem-se, meus senhores, animem-se!



NOTAS SCIENTIFICAS

Chronica

A'S MÃES

(Da These Inaugural do medico José Garrana)

I

Aleitamento materno.—

N'este periodo a mulher deve observar indicações que propriamente a interessam e indicações interessando o filho que se propõe crear.

Indicações que propriamente a interessam.— A mulher que amamenta necessita favorecer a secreção lactea, directa ou indirectamente.

Directamente, pelo emprego de medicamentos varios, frequencia na sucção dos seios e sucção por creança estranha quando deficiente a que o filho exerce.

Indirectamente, alimentando se o melhor e mais adequado possivel e mantendo uma vida regular.

Pelo que respeita aos meios directos, o mais efficaz parece ser a maior frequencia na sucção dos seios o que se consegue pondo a creança ao peito com menores intervallos de tempo regularmente repetidos; recorrer a uma creança estranha é processo que se concebe a titulo de experiencia; do emprego de medicamentos ou drogas, praticamente apenas se conhece a absoluta inefficacia dos muitos que tem sido propostos.

Quanto aos meios indirectos — a *alimentação*, por mais frugal que habitualmente, não deve ser desregrada; assim, convem subordinar aquella a pão, legumes, peixe, fructos cozidos e doce, evitando o abuso da carne e excesso de condimentos; como bebida, tomará por dia meia garrafa de vinho addicionado de agua, uma pequena garrafa de cerveja ou melhor, leite; agua, em grande quantidade, altera a proporção dos elementos nutritivos do leite; chá e café, quando usados, devem ser fracos.

Por vida regular, comprehende-se não só o evitar desgostos e emoções de qualquer ordem que contrariem a serenidade de espirito, mas ainda o combater a inaccção e indolencia pela lida domestica e passeios não fatigantes realizados de manhã e de tarde, no intervallo entre sessões consecutivas — duas a duas e meia ou tres horas.

A mulher deve ainda manter integra a epiderme do mamillo que, muito delgada e fragil, facilmente se esfolia, dando origem a fendas e es-

garçaduras, tornando-se porta de entrada a infecções ultteriores.

Para essa integridade muito concorrem as lavagens com borato de sodio ou agua borica quentes, quer antes de pôr a creança ao seio, quer depois de ser d'elle retirada; conviã no primeiro caso, fazer seguir a primeira lavagem de uma outra com agua fervida para obstar a que a creança recuse o seio por lhe ter repugnado o sabôr do borato de sodio ou agua borica empregados.

Indicações interessando o filho.— Depois de lavada, feito o penso do cordão e vestida, a creança então como sempre será deitada n'um berço em que o ar tenha livre accesso e elevado do solo para facilitar á mãe cuidar do filho durante a noite e para collocar este fóra do alcance d'algum animal domestico.

A creança deve ser deitada sobre o lado e não sobre o dorso para obstar a que as materias regorgitadas ou vomitadas penetrem nas vias aereas, originando accidentes que podem ser mortaes.

Com baixas temperaturas, convem collocar no berço uma ou duas botijas d'agua quente.

Se os seios maternos não segregarem sufficientemente durante os dois ou tres primeiros dias seguindo o parto, e a creança gritar por não tomar alimento algum, dêem-se-lhe algumas colheres de leite de vacca cortado por agua fervida ligeiramente assucarada.

A agua tepida com assucar de que se faz tão largo uso quando não inconveniente é pelo menos inutil; o mesmo se dá com o administrar de qualquer liquido perfumado com agua de flôr de laranja, provocando na creança nauseas e vomitos.

É necessario conservar o maximo acceio no corpo da creança, como nas roupas que a envolvem.

A primeira condição preenche-se pelo banho diario, por immersão em agua a 33° approximadamente — lavar successivamente as varias partes do corpo, expõe a resfriamento —; o banho pode ser dado ou só de manhã ou repetido á noite quando a creança adormeça difficilmente; depois do banho a creança deve ser enxugada com cuidado e polvilhada com amido ou talco. Tambem é conveniente limpar-lhe as narinas e ouvidos com pequenas zaragatões; estas serão ainda empregadas na desinfecção da bocca, embebendo-as em agua borica ou borato de sodio.

A segunda condição exige mudança de roupa sempre que a creança esteja suja, precedida de lavagem parcial com agua quente e esponja — muitas creanças, cujo choro tanto afflige as mães, calam-se as mais das vezes ante este simples beneficio.

O penso do cordão deve ser diariamente renovado, até á queda espontanea. Aparecendo suppuração ao nivel do umbigo, lavagem com

solução de sublimado a 1/4000 e polvilhação com acido borico, salol finalmente pulverisado ou talco esterilizado.

Para passeiar a creança, deve escolher-se um dia não humido ou de baixa temperatura. A' creança serão facultadas todas as casas, levando-a mesmo até uma janella afim de respirar o ar exterior, embora por pouco tempo e evitando submetela a um regimen de flôr de estufa para o que não tem o organismo adaptado.

As correntes d'ar, por prejudiciaes, devem banir-se.

Desde que a secreção lactea se estabelece francamente a mãe collocará a creança ao seio de duas em duas horas durante o dia; duas vezes durante a noite; se a creança dormir, não deve ser despertada.

No fim do terceiro mez o intervallo poderá ser de duas horas e meia e a partir do sexto mez, de tres horas.

Em qualquer idade a creança não estará ao seio mais de 10 a 15 minutos.

A não observancia d'estas indicações, dando irregularidade no aleitar é causa averiguada da morte de muitas creanças; as mães necessitam convencer-se de que a creança se umas vezes chora por ter fome, outras chora por enfartada; dar-lhe mais leite, é, em tal caso, aggravar-lhe o soffrimento.

A creança, pelo menos até ao fim do primeiro anno, deve ser pesada; todas as semanas e em dias certos durante os dois primeiros mezes; depois dos tres mezes será pesada mensalmente.

A vacinação deve effectuar-se no começo do quarto mez.

ESPIRITISMO

Apparições de defunctos no leito da morte

I.º caso

Foi colhido pelo doutor Hodgson, e extrahi-o do vol. VIII, p. 227-228 dos *Anuaes da Sociedade de Investigações Psychicas*.

«— 28 de Janeiro de 1891. — Ha cerca de onze annos, achando-me n'uma grande ancieda e por causa d'um cancro que minha mulher tinha no estomago, fui informado de que um medium, Miss Susie White, tinha dado muito notaveis provas de faculdades supranormaes.

Fui vel a, sem me dar a conhecer e pedi uma sessão, que de facto me concedeu.

Apresentou-se uma entidade que affirmava ser irmã de minha mulher dizendo chamar-se Maria, o que era exacto; continuou fallando de factos e negocios de familia, absolutamente

conformes á verdade; deu exactamente o nome de minha mulher, Elisa-Anna, descreveu a doença d'ella; predisse que não escaparia, e que apenas lhe restavam alguns mezes de vida.

Surprehendido de tantas informações exactas perguntei: «Como devemos então chamar a estes phenomenos? Psicismo? Somnambulismo? Como?»

A supposta Maria respondeu: «Sabia bem que icis fazer me essa pergunta; tinha lido em vosso pensamento.

—«Então tiraes do meu pensamento tudo o que dizeis? — perguntei.

—Não — respondeu — e para vol-o provar, direi alguma coisa que não está em vosso pensamento. Annuncio vos que d'aquí a tres dias Elisa-Anna dirá que eu lhe appareci juntamente com nossa mãe, que espero levar commigo».

Deverei notar, que a mãe de minha mulher havia morrido ha 45 annos, e a irmã ha seis a sete annos. Guardei, como era natural, segredo sobre o que se tinha passado.

Tres dias depois a enfermeira veio muito agitada, para me advertir de que o estado de minha mulher tinha peorado, que dava signaes evidentes de delirio e que de subito tinha chamado por sua mãe e sua irmã Maria, depois do que se lançou abaixo do leito e correu para a porta exclamando: «Fica, mamã! Pára, Maria! Não vades ainda embora!»

Depois d'esta prova tão frisante, fui de novo consultar Miss White.

Logo que a sessão começou, apresentou-se a mesma entidade.

Estava então muito preocupado porque, desde alguns dias, minha mulher não podia já conservar alimento algum, solido ou liquido, nem mesmo o leite e agua.

Estava pois totalmente exausta, tanto mais que uma implacavel insomnia a perseguia.

«Maria» aconselhou para lhe ministrar café muito forte e muito quente com um pouco de crême, assucar e biscoito.

Comquanto esta receita me surprehendesse, decidi preparar lh'a e dar lh'a. A doente tomou-a de boa vontade e digeriu a perfeitamente; em seguida poude dormir largo tempo.

Durante muitos dias não viveu d'outra cousa; comtudo pouco a pouco perdeu a tolerancia.

Consultei ainda outra vez Miss White; «Maria» aconselhou-me para lhe dar algumas colheres de sumo de limão diversas vezes ao dia, a fim de lhe fazer voltar o appetite e permitir-lhe conservar o alimento. Esta indicação teve um successo pleno. Não obstante, minha mulher não tardou a peorar de novo.

Pela quarta vez procurei o medium Miss White; e perguntei a «Maria» quanto tempo ainda teria minha mulher de soffrer. Respondeu que não o podia dizer, mas que procuraria avisar-me.

«A primeira vez, accrescentou, que

BORDADOS E RENDAS



se a doente dissér ter-me visto, não deveis afastar-vos de junto d'ella.»

Alguns dias depois entre as tres e quatro horas da manhã, fui render a enfermeira, a qual me advertiu: «Mammie, (fazendo allusão a minha mulher) disse ha pouco ter visto de novo sua irmã Maria». Alguns instantes depois, minha mulher murmurou: «Vou partir» e ditas estas palavras exhalou o ultimo suspiro. *Assignados:* E. Paige; Mary Dockerty (enfermeira).

(Continúa)



NAUFRAGIO

POR

Edmundo de Amicis

(Continuação)

As mães cingiam os filhos ao peito desesperadamente; os amigos abraçavam-se, fazendo as ultimas despedidas; alguns desciam aos camarotes para morrer sem ver o mar.

Um viajante disparou uma pistola na cabeça, e caiu de bruços sobre a escada do dormitorio, onde expirou.

Muitos agarravam-se freneticamente uns aos outros; as mulheres contorciam-se em convulsões horriveis.

Alguns estavam ajoelhados em volta do padre.

Ouvia se um côro de suspiros e de lamentos infantis, de vozes agudas e estranhas; e viam-se aqui e ali pessoas immoveis como estatuas, pasmadas, com as pupillas dilatadas e sem vista, faces de cadaveres e de loucos.

Os dois pequenos, Mario e Julieta, agarrados a um mastro do navio, olhavam para o mar, com os olhos fixos, como insensatos.

O mar tinha-se aquietado um pouco, mas o navio continuava a submergir-se lentamente.

Poucos minutos restariam ainda.

— A lancha ao mar! — gritou o capitão.

Uma lancha, a ultima que ficára, foi lançada á agua, e quatoze marinheiros com tres passageiros entraram n'ella.

O capitão ficou a bordo.

— Desça connosco — gritaram os de baixo.

— Devo morrer no meu posto! — respondeu o capitão.

— Encontraremos algum navio — gritavam-lhe os marinheiros; salvaremos-hemos. Se fica, está perdido.

— Eu fico.

— Ha ainda um logar! — gritaram de novo os marinheiros, dirigindo-se aos outros viajantes. Uma mulher!

Uma senhora adiantou-se então, amparada pelo comandante, mas em vista da distancia a que se achava a lancha, não se sentiu com coragem de tentar o salto, e tornou a cair sobre o convez.

As outras estavam quasi todas desmaiadas e como moribundas.

— Um rapaz! — gritaram ainda os marinheiros.

A'quella voz, o rapaz siciliano e a sua companheira, que tinham estado até ali como petrificados por um extraordinario assombro, despertados repentinamente pelo violento instincto da vida, desprenderam-se n'um impulso do mastro, e, lançando-se sobre a borda do navio, gritaram a uma voz:

— A mim! a mim! — procurando empurrar se um ao outro para traz, como duas feras enfurecidas!

— A lancha está sobrecarregada. O mais pequeno.

Ao ouvir aquellas palavras, a rapariga deixou cahir os braços como fulminada, e permaneceu immovel, olhando Mario com olhos amortecidos.

Mario, depois de fixal-a um instante, viu a mancha de sangne sobre o seu peito, recordou-se, e o lampejo de uma idéa divina illuminou-lhe o rosto.

— O mais pequeno! — gritaram em côro os marinheiros, com imperiosa impaciencia. Nós partimos.

Então, Mario, com uma voz que não parecia a sua, gritou:

— Ella é mais leve. Vae tu, Julieta; tu tens pae e mãe; eu sou só. Dou-te o meu logar! Vae, desce.

— Deita-a ao mar — disseram os marinheiros.

Mario agarrou Julieta pela cintura e deitou-a ao mar.

A rapariga deu um grito, e mergulhou.

Um marinheiro agarrou a por um braço e puchou-a para cima da lancha.

O rapaz ficou direito na borda do navio, com a fronte alta, os cabellos ao vento, immovel, tranquillo, sublime.

A barca moveu se e fêl-o apenas a tempo de escapar-se do movimento vertiginoso da agua, produzido pela submersão do navio, que esteve a ponto de voltar-a. Então, Julieta, estando até áqueile momento quasi insensivel, levantou os olhos para Mario e desatou em copioso pranto.

— Adeus, Mario! — gritou-lhe entre soluções, com os braços estendidos para elle. Adeus! adeus!

— Adeus! respondeu o rapaz, levantando a mão.

A lancha afastava-se velozmente sobre o mar agitado, debaixo de um ceu tetrico.

Não se ouvia uma unica voz a bordo do navio. A agua lambia já as bordas da coberta.

De repente o rapaz caiu de joelhos com as mãos juntas e os olhos no ceu.

A rapariga cobriu o rosto com as mãos.

Quando ergueu a cabeça, estendeu a vista sobre o mar: — o navio tinha desaparecido.

FIM

SERENATA

Dormes no teu virgem leito
Gosando sonhos dourados
Ao som dos echos maguados
Que solta o teu trovador?!
Dormes?... E eu velo cantando
Minhas perdidas esperanças,
Emquanto lêda descansas
Gosando sonhos d'amôr!...

Dormes? Acorda, formosa,
D'essa visão fascinante!
Vem ouvir do teu amante
Tão doloridas canções!
Vem ouvir as notas tristes
Que solta a minha guitarra
N'uma voz meiga e bizarra
Ao ouvir minhas paixões!

Abre serena a janella!
Vem gosar da luz da lua!
Vem vêr quem triste na rua
Solta suspiros de dôr.
Fluctua serena e meiga
No céu a lua de prata
Ouvindo da serenata
As notas tristes d'amôr.

Dormes? Não durmas! Acorda
D'esse teu sonho enlevado!
Vem ouvir o apaixonado
Por esse rosto gentil!
Sóam suspiros no espaço
Da minha alma alinceada;
E tu no leito deitada
Dormes n'um sonho infantil!

Suspira a briza serena;
Chora a guitarra sentida;
Canta minha alma dorida
Soltando tão tristes ais.
E da guitarra sonora
Vae o zéphiro tão brando,
Ao infinito elevando
As notas sentimentaes.

Acorda, virgem formosa,
Plena de graça e belleza!
Levanta da morbidez
O teu côrpo angelical!
Vem debruçar-te á janella
Para escutares o meu canto
Onde te conto meu pranto,
Tôdo amôr sentimental.

Vae alta a lua de prata
De lindo manto estrellado!
E tu n'um sonho elevado
Não vens ouvir minha dôr!
Dormes?! Pois dorme que eu choro
Nas tristes canções inertes!
Dorme, dorme não despertes
Emquanto choro d'amôr!...

Porto.

PINTO FERREIRA.

INCONSCIENCIA

O rei dos passaros deliberou um dia escolher uma das aves para sua esposa. Mandou pois reunir no salão principal do palacio todo o rancho alado com o fim de ver que fema lhe serviria. Começou por observa-las uma a uma, observação esta que obedecia sómente aos dotes de belleza e formosura. Já um grande numero de aves tinham sido postas de parte em virtude de certos defeitos no colorido das pennas, quando o rei divisou a poupa recostada indolentemente num sofá, numa postura aristocratica, arrogante sob as vestes garridas que a engalanavam. Da cabeça elevava-se á maneira de pennacho um conjuncto de pennas diferentemente coradas, fulgentes, admiraveis...

E o rei dos passaros parou alli extatico, num deslumbramento supremo á vista daquella formosura.

Ella notou isso e cravou nelle um olhar sagaz, conjunctamente submisso e imperioso, onde exprimia a certeza da victoria.

— Oh! que colorido! que belleza! que formosura!, balbuciou o rei. E's tu que me serves; serás a minha esposa, a minha eterna esposa. Vem!...

Depois levando-a pendente do braço dirigiu-se á alcova nupcial. Chegados ali enlaçaram-se muito, num amplexo de amor. Porém neste momento o rosto do marido carregou se exprimindo uma sensação de profundo desgosto e arrependimento.

E' que do corpo da poupa envolto em pennas de tanta belleza e formosura evolava-se um cheiro pestilento a immundicies, a porcarias!... Aquellas galas exteriores encobriam... eu sei... quantas impurezas!

Se o rei dos passaros na escolha que fez olhara simplesmente á formosura!...

Fundão, 8-8-908.

ABEL GOMES BOTELHO.

SONETO

O dia vae morrendo e no poente
Os clarões indecisos do crepusc'lo,
Têm contrações como as de um musc'lo
No rosto já funereo d'um doente.

Eu seguia co'a vista lentamente
Os tons diversos que tomava o ceu
E só deixei de os vêr, quando appar'ceu,
A dura noite quasi de repente.

E ficando depois a pensar, triste,
Na conexão intima, que existe
Entre a vida d'um homem, sua sorte

E a luz da tarde que o occaso leva;
Vi que a passagem lenta para a treva
E' como a gente no estertor da morte.

Lisboa, 16 de Agosto de 1907.

JOSÉ V. A. DA COSTA CORREA DA SILVA.

(Historia de dois primos)

I

Tem um primo a Rita dos Prazeres
Empregado em casa do Beltrão
A quem amo de todo o coração
Como raro se ama entre as mulheres!

Quando ás vezes os dois sem afazeres
Nos domingos de tarde ao campo vão,
O priminho que morre de paixão
Quer por força faltar aos seus deveres...

Mas a prima tão bella, quão sabida,
E que o primo conhece de gingeira...
Faz-se sempre de pau, desentendida;

E responde sorrindo á brincadeira:
Em casando, meu anjo, minha vida
Deixarei para ti de ser... solteira!

II

(2 annos depois)

Ja dois annos a custo são passados
Sem que a prima lhe desse um só abraço;
Mas Cupido feróz puchando o laço
Vae unindo, prendendo os namorados!

«Já deviam ha muito estar casados,
(D. Rita dizia ao Pae Collaço)
«Porque ás vezes dos dois qualquer mau
passo,
«Pode vir-nos a dar alguns cuidados...

Chega o dia: Emfim rebenta a bomba!
Lá vão ambos casar a Santa Comba
Na presença de muitos invejosos.

Recolhidos os dois são a... Penates...
(N'esta altura leitor, callam se os vates
São assumptos devéras melindrosos!)

III

(9 mezes depois)

Nove mezes d'amor; ao que parece
Sem a sombra sequer d'um só cuidado:
Porem hoje o marido apoquentado
Dá suspiros de dor por quem padeçe

Novo grito ressoa, que estremeçe
Pelo quarto dormente, perfumádo:
E ao pobre marido descorado
Todo o sangue nas veias arrefeçe.

Como louco caminha para o quarto,
Ao saber terminado horrivel parto
Que, de sustos por fim, não sae barato.

Mas ao ver do néné o berço chic
Fica mudo d'horror, dá-lhe um chelique...
.....
D. Rita Prazeres teve um mulato!!

ZÉ PEREIRA.

Pensamentos

O vaticano é a cabeça d'um polvo gigantesco
que tem por braços todas as egrejas
do mundo, e por sugadores os padres.
MAC-ILLERNO.

A consciencia duma creança, reclama
tantos cuidados como o seu vestuario.
A. BUTHET.

O egoista poria fogo a uma casa alheia
para assar um ovo para comêr.
BACON

Pensar sem cerebro, é digerir sem estomago.

A. CHOPENHAUER

EDUCAR

Poesia recitada no theatro Avenida em 7-8-908, pelo actor Simões Coelho, na recita offerecida á Caixa de Soccorros a Estudantes Pobres.

Educar! Não existe, eu creio, outra palavra
Que encerre, ao traduzir, tão grande latitude.
Educar: é trazer ao Espirito a saude,
Encher de luz um Cranéo aonde a noite lavra.

Educar: é fazer com que da pedra bruta
(Que assim póde chamar-se ao coração humano)
O burril da Instrucção em Bem transforme o Damno
E a torne em rara joia, alvissima, impolluta!

Educar: é ao Ser, inconsciente e futil,
Que vive sem sonhar o Como, nem Porquê,
N'um Ente converter que não ande á mercê
Do Acaso, e seja Bom, e Social e Util.

* *

Mas educar, oh! Mães! não é, em tom solemne,
Prégar, como um preceito, ao fraco raciocinio
Postiças convenções e o Odio mais perenne
A tudo em que a Verdade affirme predomínio!

Mas educar não é: pegar n'uma creança,
Coarctar-lhe a liberdade, a natural xpansão;
Mas antes inculcar-lhe estima e confiança
E dar-lhe, pelo exemplo, a sã educação.

Mas educar não é: prender a rijo banco
Um corpo a trasbordar de vida exuberante,
Proibir-lhe a palavra, o gesto, o riso franco,
Impondo lhe um decoro improprio do estudante!

Mas educar não é: matar a Iniciativa,
Infundido o terror, a cega obediencia,
Pois que são o Disfarce e a hipocrita Evasiva,
Desse oppressivo mando, a torpe consequencia!

* *

Educar: é saber ler n'alma da creança,
Destruir, sem cessar, os erros ao nascer;
Seguir a par e passo e com perseverança,
Das suas propensões, o claro alvorecer.

Educar: é dispôr as coisas de maneira
Que a creança por si conheça quando erra;
E por lhe ser nativa a indole justiceira,
Evitar toda a acção que uma injustiça encerra.

Educar: é formar uma alma toda alvura;
Não afogar n'um peito a queda para o Bem;
Responder com acerto e sempre com brandura,
A' ancia de saber que a Mocidade tem.

Educar: é conf'rir a plena liberdade
A' propria Iniciativa, ao livre Proceder;
Abrir, de par em par, as portas da Verdade,
Banindo a Servidão e a masc'ra do Dever.

Educar: é fazer com que jamais se veja,
No nosso educador um sordido inimigo,
Mas sim um Ente a quem se busca e se festeja
E adóra como Irmão ou o mais dilecto Amigo!

.....

Senhor's uni-vos pois, e á causa da instrucção
Juntae o vosso alento ao labutar constante
Dos que desejam vêr em cada nosso Irmão,
Um Homem consciante, um Cidadão prestante!

BENTO MANTUA.

SONHO MALDITO

Foi um sonhar maldito aquelle meu sonhar
Que a dôr, a mais cruel, me trouxe ao despertar!

.....

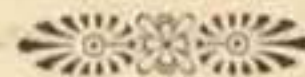
E' noite... e a luz da lua, em seu brilhar dolente
N'um magico fulgôr sublime e transcendente
Remira-se no espelho o mar calmo e sereno!
E eu fico-me a pensar no teu rosto moreno,
No fogo d'esse olhar que me seduz e mata,
No teu verbo subtil que tanto me arrebatá!
Absorto, a meditar, na solidão profunda
Eu ouço a murmurar da onda gemebunda
E tendo no olhar a tua imagem pura,
Minh' alma a mergulhar-se em doce mysticismo,
Eis-me, louco, a dormir á beira do abysmo!

E sonhei! .. E sonhei! Maldito o meu sonhar
Que a dôr, a mais cruel, me trouxe ao despertar!
Eu via-te mulher immensamente bella
A commandar Titans no seio da procella!
Rugia furioso o mar encapellado...
E o teu corpo gentil, fulgente, aureolado,
Visão transcendental do meu immenso amôr,
Surgia d'entre a espuma em todo o seu 'splendôr!
Luctando com o mar eu via mil rivaes
Buscando o teu amôr com furia de chacaes!
E tu, gentil creança, oh! tragica ironia!
Contemplavas sorrindo a mais lenta agonia!
Debalde procurei fugir ao soffrimento,
A' luz do teu olhar, satanico tormento!
Por fim, louco de dôr, o peito em convulsões,
Ouvindo o echoar longiquo dos trovões,
Esphacellando o corpo em louca e insana furia,
Eu lancei-te, mulher a mais extranha injuria,
Cahindo a soluçar na rocha dura e fria!...
Mas subito, eis que cessa a louca ventania,
O mar descança enfim do insano labutar,
E as nuvens deixam vêr, abrindo se, o luar...
E tu, mulher formosa, a quem lancei um insulto,
Tu que és o meu amôr e a deusa do meu culto,
Beijaste-me a sorrir na minha face impura!
Ergui-me de repente e louco de ventura,
Julgando possuir o teu sagrado amôr
Corri p'ra te abraçar, ó melindrosa flôr!

Mas quando no teu seio chorava, arrebatado
Ao contacto febril d'um corpo immaculado,
Findou o meu sonhar!

A luz do sol brilhante
Vem beijar-me no rosto, alegre e triumphante...
Desperta a Natureza... a Vida, a Luz, o Amôr...
No meu peito, porém, domina a Treva, a Dôr!...
Lx.º 10 Agosto 1908

MAC-ILLERNO.



Na tasca...

A atmosphera é baça. A prostituta
Attenta, escuta o violino. Então:
Não lhe lembrem a sua profissão,
Oh não lhe lembrem, não! Ninguém perscruta

A grandeza da sua alma impolluta!
Em seu olhar que luz brilha a emoção,
Que lhe traduz a reza da canção,
Simulacro de amôr, tristeza e lucta!

Ouve-se agora o fado, n'elle impera
Ainda o nervosismo da Severa!
As aves cantam, rompe a madrugada:

E ella, compára-se ao que foi outr'ora
Ouvindo fóra o trino á passarada!
Dentro o violino: o mesmo fado chóra!

Lx.º—22-VII-08.

A. DE SANTA RITA.

Sobre o casamento

Ideias d'um celibatario

O homem, quando joven, vê no casamento não uma necessidade mas simplesmente um bem-estar indefinivel por que anseia o seu coração novo, cheio de sangue quente, bulicoso; além d'isto pensa no amor immenso, nas extremas caricias que lhe proporcionará um ente querido, formoso, angelico, idealizado pela sua imaginação em pleno vigor; vê-se acalentado pelo bafe acariciador de um anjo que viverá junto d'elle eternamente.

Esse ente, esse anjo é a mulher. Porém a mulher como elle a deseja, como elle a pensa, não passa de um mytho gerado no seu espirito de rapaz, sobre que exerce poderosa influencia a leitura de romances onde se vê a mulher amando d'uma maneira impossivel, de uma maneira extraordinaria, admissivel sómente nos dominios da phantasia.

Depois o homem sente a necessidade de ser amado pela mesma forma.

E ei lo namorando. Transforma a sua predilecta numa Virginia ou numa Julieta e transporta-se ás regiões do mundo ideal illudido pelos mil enfeitos que a sua querida colloca sobre o corpo.

Passam mezes no fim dos quaes, como é natural, casa.

Deixemos-lhe passar a lua de mel, e depois... ó decepção!... a mulher por quem elle aspirava em seductoras visões, o thesouro de formosura e de annos que o seu espirito em momentos de melancolia concebera, emfim a mulher que vira pintada nos romances não era aquella, a sua esposa que tinha um signal feio no rosto, que possuia uns olhos bastante pequenos, uns pés maiores do que deveria, umas curvas pouco graciosas, um halito que em lugar de perfumado se tornava por vezes fetido, e tantos outros defeitos. Em summa, a esposa, dois ou trez mezes depois do consorcio já não era feita de amor nem um thesouro de formosura. O homem lembrava-se então dos tempos felizes da mocidade livre.

O casamento deixara de ser o parame de felicidade que o seu espirito idealizara.

ABEL GOMES BOTELHO.

N'um postal

A' toi

Como a concha a boiar por sobre as aguas,
Linda, arrastada pela vaga cerula,
O nosso coração, n'um mar de maguas,
Solitario contem do amor a perola.

EDGARD AVRES.

"Monologo á força,"

a Rogerio Garcia Perez,
a Alberto da Silva Barbosa

Sujeito muito corretamente vestido — casaco ou «SMOKING», luvas brancas, Manejras afeladas, mesmo um pouco ridiculas.
(entrando)

Boas noites! Como passam?
Muito bem, ao que parece...
O que querem que aqui faça?
Digam: que lhes apetece?...

Lindos versos, cançonetas,
Ou monol'gos engraçados?
Uma valsa, uma "romansa"
Os fadinhos bem cantados?

Senhor's, é pedir por bôca,
De tudo, de tudo sei!
Uma vez até, sózinho,
Alguns tercetos Cantei

(Pausa, admirado por não lhe pedirem nada)

Mas ninguem me pede nada!?!
Isto assim não pode ser!
Para que é que eu aqui vim?
Não foi para os entreter!?

(Vendo que todos continuam calados)

E ficam todos calados!
Nesse caso, vou-me embora!...

(a uma senhora)

Vossa Exc'elencia que pretende?
Diga lá, minha senhora!

Deseja talvez que eu cante
A aria da Tosca?... Não?...
E qualquer trexo da Aida,
Da Fédoira ou Dom João?

(vendo que ella não responde)

Tirana! fica calada!
Coisa nenhuma me diz!
Oh! não pode imaginar
Como me torna infeliz...

(a um cavalheiro)

Julgo porem, que Vocencia
'Stá disposto a responder...

(desesperado por elle não responder)

Da mesma forma calado!
Isto é para endoidecer!!

(passeia, arrependendo-se: depois, em grandes gestos)

Mas ó senhores, eu até —
Se quiserem — represento
Sem mais actores uma peça!
P'ra que é que serve o talento!?

(a um cavalheiro)

Por isso, se o cavalheiro
Desejar uma comedia,
E' só pedir... a não ser
Que prefira uma tragedia...

(vendo que elle não responde)

Tambem nada me responde!

(a uma senhora)

E Vocencia, bella dama,
O que escolhe? Uma operêta,
Um «vaudeville», ou um drama?

(vendo que não responde)

Idem... na mesma data!
Fica muda como um peixe!...

(batendo na testa)

Ah! finalmente já sei!
O que querem é que os deixe!...

(pausadamente)

Muito bem, vou retirar-me
Sem demora, sem tardar...
Mas antes de me ir embora,
Uma coisa hão de notar:

Apezar de nada quererem,
Numa esparréla caíram!...

(numa reverencia)

Meus senhores, minhas senhoras:
«Um monol'go, sempre ouviram!»

MARIO DE SIRCOANERA.

A NOSSA ESTANTE

Almanach de palcos e salas — Recebemos este apreciado livrinho, editado pela livraria Bordallo. Vem cheio de engraçados monologos, scenas comicas e illustrado com bellas gravuras.

Agradecemos a offerta.

Por falta de espaço não podemos ainda hoje emittir a nossa opinião sobre diversos livros que nos tem sido enviados.

Fallaremos brevemente.

DESALENTO

Tinha perdido já de todo a esperanza
D'encontrar no mundo algum amor,
E nada m'inspirava confiança,
Ficando immerso então na minha dôr.

Assaltava-me ás vezes a lembrança,
P'ra pôr termo emfim a este horror
De matar-me encontrando assim bonança;
(Mas acceitava-a sempre com terror.)

No meio d'este horrivel sofrimento
Dirigiste-me um olhar, e no momento
De pôr em pratica esta solução,

Senti então vontade de viver,
Senti em mim a esperanza renascer,
Esse olhar foi a minha salvação.

Lisboa, 28 de Julho de 1908.

JOSÉ V. A. DA COSTA CORRÊA DA SILVA.

Guitarra de Romanol

74

Não são alegres meus versos
E como podem ter calma
Se n'elles andam dispersos
Bocadinhos da minh' alma.

75

A's Trevas da minha vida
Dá-lhes, mulher, teus fulgores,
Muda esta Paixão dorida
N'uma Alleluia d'amores.

76

O' mulher como és culpada
De eu sentir vivos desejos
D'ir á noite, p'la callada,
Assassinar te com beijos.

77

Nem por ti é calculado
Quanto eu quero aos olhos meus,
Desde o momento adorado
Que elles se encheram dos teus.

78

A minha razão se turva,
Se os olhos seguem teu rastro
E vão descançar na curva
Do teu collo d'alabastro

79

Sonho contigo, dormindo,
Contigo sonho a velar,
Eu bem sei que o sonho é lindo
Mas antes nunca sonhar.

Secção recreativa

Maneira de saber a idade de qualquer pessoa

Consiste este problema num simples exercicio de arithmetica que depois de resolvido nos dá a conhecer a idade de qualquer pessoa e o mês em que nasceu.

Diz-se á pessoa de quem desejamos saber a idade que ponha na sua ideia o numero que corresponde ao mês em que nasceu; diz-se lhe depois, que multiplique por 2 e junte 5.

Pede-se lhe para multiplicar o numero obtido por 50 e sommar com a idade que tem.

Feito isto diz-se-lhe para subtrahir o numero obtido de 365 e juntar-lhe 115.

Pergunte-se-lhe depois qual o resultado.

Os dois ultimos algarismos, representam a idade; o primeiro ou os dois primeiros indicam o mês em que a pessoa nasceu.

Supponhâmos que a pessoa tem 60 annos e nasceu em dezembro:

$12 \times 2 + 5 = 29$; $29 \times 50 + 60 = 1510$;
 $1510 - 365 + 115 = 1260$.

Dezembro; 60 annos.

ganhos accessórios nas *cruzetas, ruas, linhas, chances, duvias, colunas e séries?*

Pois, meu sardanapalesco amigo, contente-se com *Zéro* e não vae mal.

Sabe que mais, entretenha-se em colecionar *coupons* do *Seculo* que é a sua missão cá neste mundo e... não seja... esperto!

G. C.

Desilusão

Levara cinco dias a escrever
A carta onde narrava o seu amor
A' menina que amava com fervor
Impossivel até de descrever.

Chamava-lhe o mais doce e terno ser
Que ao mundo lançara o Deus criador;
Chamava-lhe um anjinho seductor,
Mais lindo ainda que o alvorecer!

Ao fim do quinto dia, bem contente
A carta lhe entregou, (que inda releu)
Esperando a resposta, impaciente!...

Mas, oh, desilusão! pobre pateta!
A pequena jamais lhe respondeu,
Porque era, — coitadinha! — analfabeta!

M. CHAGAS.

Errata—No 2.º verso do soneto de Luciano d'Araujo publicado no numero anterior deve ler-se: *Vêde clarões*, etc; na critica do livro *Dor humana* veio publicada palavra *aufferir*, em vez de *afferir* e na 17ª linha deve ler-se: *Nos enthusiasma e anima à lucta*, etc.

Amabilidades...

Tu pedes me, a sorrir, terna a'orada,
Que, como prova d'este ardente amor,
Te cante n'um poema encantador,
Onde vibre a minha alma apaixonada!...

Essa missão é ardua e delicada,
E vem encher-me o coração de dôr:
Pois tudo o que dissesse era favor,
Ficando a pobre lyra arrebetada.

Teu desairoso corpo é um colchão,
A luz do teu olhar é bem mesquinha,
Tens um nariz maior que o do Beirão.

Não seduses esta alma de poeta;
E p'ra maior desgraça tua e minha,
Vê lá, meu amorzinho, inda és manêta!...

M. CHAGAS.

Uns dentes

Teus dentes — encantos meus!
Têm tal poder seductor
Que quando os vejo, meu Deus!
Eu fico louco de amor!

A Virgem Nossa Senhora
Nunca teve uns dentes taes.
Tornam te fascinadora
E bem diferente das mais.

Quando sorris com ternura,
N'esse instante eu te bem-figo,
Meu amor, muita ventura!

Agora o que me faz pena,
Acredita no que digo,
E' que os não laves morena!

M. CHAGAS

FEITICEIRO DAS TREVAS

Consultente: — *Betulio J. S. S.*

O sr. é o que se chama um patetinha com fóros para maior graduação.

A sua consulta é pindarica! Só quer saber os numeros em que ganhará, jogando a roleta e a maneira de fabricar um talismã que lhe dê o amor de todas as mulheres.

Pensou V. Ex.ª por acaso algum dia no tamanho da camisa que vestiria se acaso alguns milhões de fêmeas tentassem a escalada da fortaleza do seu peito?

Sabe Deus quanto custa a gente *bater-se* com uma quanto mais...

E quando fôsse velho? Onde haveria olivaeas que dessem azeite para alumiarmos tanta *santinha*?

Só em osculos frementes de paixão, V. Ex.ª gastaria o melhor de sete toneladas de saliva por dia.

E lenha e carvão, combustivel, emfim, para alimentar o fogo duma paixão que houbresse com as ardencias similares de tantos milhares de fornosinhos incandescentes? Onde haveria jardins bastantes que lhe dessem os ramalhetes necessarios para ofertar ás conquistadas, como é da praxe?

Só pedindo um suprimento ás flôres de retórica dos parlamentos latinos e ainda assim, corria o risco de secar os deputados como se fossem arenques (o que talvez as nações lhe agradecessero).

E a respeito de batota? Com que, queria *bater-se* todas as noites com plênos no 23, cavalos no 5 e 8 e mais

CURIOSIDADES

Os sobrados de papel — Estão agora muito em voga na Allemanha, pois além de serem mais baratos que de madeira, não apresentam juntas, que possam servir de abrigo ao pó e aos insectos. O papel estende-se no chão em forma da pasta, aplanam-se depois com uma machina propria e quando está secco, pinta-se imitando madeira.

Um costume extravagante. — Nos theatros japonezes qualquer espectador pôde permanecer em pé com tanto que pague um pequeno premio sobre o preço do bilhete. A pessoa que ficar por detraz não pôde queixar-se, embora não veja o espectáculo.

A sombrinha e o guarda-chuva — O uso das sombrinhas é antiquissimo na Italia; da Italia passou a França, a Hespanha e Portugal. A invenção do guarda-chuva, propriamente dito, remonta a pouco mais de um seculo.

Os primeiros guarda chuvas, construidos de grosseira tela encerada, eram tôscos e tinham o inconveniente do enorme peso.

POSTA RESTANTE

Um collaborador — O jornal não tem politica nem religião defenida; sendo collaborado por novos, só elles são responsaveis pelas ideias expostas, visto como assignam as suas produções.

Magjuni — Com muito gosto, se os versos estivessem certos, mas... estão errados.

C. F. P. J — O senhor é malcreado e parvo. Se soubessemos o seu nome havia de provar o que escreve. Estamos fartos de dizer que o sr. Georges Clement está respondendo aos consultentes que enviaram cartas ha quatro ou cinco mezes, e o cavalheiro que escreveu *ha um mez* está achando *blague e reles mystificação*, por não ter ainda resposta. Sempre se atura cada... figurão com fumaças de esperto!

**QUAL É A COISA,
QUAL É ELLA?**

O CONCURSO DA 3.^a SERIE
 Quem ganhou o relógio d'ouro e
 a palmatoria de prata.
 O 3.^o 4.^o e 5.^o premios

Campeão da 3.^a serie
**EDUARDO MARIZ
 SARMENTO** (*Ziram*)
 R. Thomaz d'Annuncia-
 ção, 42-1.^o
 Artigos decifrados 189

E' pois ao Ex.^{mo} Sr. Eduardo Ma-
 riz Sarmento, empregado no minist-
 terio das Obras Publicas e actual-
 mente no Estoril, o contemplado
 com o

1.^o Premio—**Um relógio d'ou-
 ro (Zenith).**

2.^o Premio—**Uma palmatoria de
 prata,** coube ao Ex.^{mo} Sr. José João
 Rodrigues, (*Zé João*) morador na
 Rua 24 de Julho, 442.

3.^o Premio—**Uma biscoiteira,**
 pertence ao Ex.^{mo} Sr. Francisco
 Martins, (*Cabeça d'Agua*), morador
 na Rua Nova da Trindade, 81.

4.^o Premio—**Uma colleção do
 «Azulejos» encadernada em per-
 calina,** cabe ao Ex.^{mo} Sr. Arlindo
 Garcia Boavida, (*Boavida*), morador
 na Rua Pereira de Sousa, 14, 2.^o E.

5.^o Premio—**Uma assignatura
 para a 4.^a serie—Ex.^{mo} Sr. Jayme
 da Rocha Figueiredo, (*Litras*),—
 R. de S. Luiz, 19, 2.^o.**

Os premios podem ser requisita-
 dos n'esta redacção, das 12 às 3 da
 tarde, em todos os dias uteis.

Charadas

Noviesimas

Esta porção hespanhola suspende uma
 cidade da Hungria-2 1.

L. NINO

Metti no sacco o tecido e a pedra pre-
 ciosa-2-2.

CONDOR

A gente da India fazia troça d'uma habi-
 tação de pescadores-3-2.

K LINO

Paronyms

A embarcação é parasita-3.

AUPAFIU

Esta planta só germina n'uma serra bra-
 zileira-3.

JÓ FÉRA

Triplíce

Ave, insecto e constellação-2.

OÇNERUOL

Dupla

O filho de Jupiter tem esta planta-1.

ZELINDA

Electrica

Cidade do Japão-2.

BASCASSE

Augmentativa

O arbusto da villa do Brazil-3.

AUPAFIGU

Truncadas

2-Instrumento cortante e bebida-1.

OIUARA

A teia é feita de pedras-2.

ZIUL

Enygmas

Typographico

LL

PUMPUM

De palitos



Tirando 6 palitos fica um proprietario.

CABEÇA D'AGUIA

Por iniciaes

Q A A D M A C
 1 4 1 2 1 3 5

J. P.

Q M M S T Q D
 1 1 3 2 1 1 2

J. P.


D N S Q M O S N D
 1 1 1 2 1 1 1 2

J. P.

Artigos a decifrar, 16.

AZULEJOS

R. Xavier da Silva
Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
Das 3^{as} ás 5—Rua da Palma, 133, 1.º



Grande Deposito

— DE —

MOVEIS DE FERRO

— E —

Colchoaria

— DE —

JOSE A. DE C. GODINHO

54, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 56-Lisboa

AOS NOSSOS ASSIGNANTES E LEITORES

Esta redacção encarrega-se de mandar encadernar a 1.^a, 2.^a e 3.^a Serie do AZULEJOS, em panno chagrin, cabeçalho e lettras douradas, ou qualquer côr á escolha do interessado, pela modica quantia de

600 RÉIS

A mesma encadernação em percalina

750 Réis

Os pedidos devem ser feitos a esta redacção, acompanhados da respectiva importancia.

Para as provincias augmenta o porte do correio.

Propriedade de Azulejos

De Lisboa à Cuba

Solka

de Amigo José Fernandes

de José Manuel de Carvalho

PIANO

The musical score is written for piano and consists of 11 systems of two staves each. The notation includes treble and bass clefs, a key signature of one sharp (F#), and a 2/4 time signature. Dynamics such as *f*, *p*, *ff*, and *sf* are used throughout. Performance instructions include *Ped* (pedal) and *D.C.* (Da Capo). The piece concludes with a *Coda* section.